

Tres poemas para Siria / Maria do Rosário Pedreira

Â Mote:

Cada vez hay mã;s niã±os que llegan a Europa solos.

Madre, ojalã; que nunca hubiese soltado tu mano:
como el niã±o al cuello, la calle se hizo mã;s grande
que mi desesperaciã³n, se ajã³ de viejo mi
corazã³n tan claro. Yo tenã-a catorce aã±os antes

del estruendo, catorce aã±os y medio antes de tu
grito, quince aã±os cumplidos cuando apartã© el
velo de tus cabellos: si me decã-as siempre que no
fuese lejos, Â¿por quã© pedã-an lo contrario
tus ojos detenidos? Aun por encima, madre, llegar

al campo fue como tocar una puerta cansada â€”
mil tiendas que eran velas remendadas, barcos para
quedarse de nuevo en el camino. Nos trajeron mantas
llenas de preguntas; me tentaron con dulces
para ponerme en el lugar; le cambiaron a mi hermano
el paã±al con manos frã-as. Madre, les dije que

el niã±o era mã-o; y ahora, cuando Â©l busca
tus senos en mi cuerpo sin formas, cubro con
tu velo mis cabellos y le canto bajito
canciones de azã°car. No sã© quã© edad tengo, madre,
pero ojalã; que nunca hubiese soltado tu mano.

Â

Mote:

Familia de niã±o sirio que muriã³ en la costa turca huyendo a Canadã; madre y hermano mayor tampoco sobrevivieron al naufragio.

Mi padre me llamã³ y me pidiã³ que escogiese
un juguete â€”sã³lo unoâ€” que me gustara mucho; y
que separase otro juguete para Aylan, que
aã°n no sabã-a escoger â€”pero sã³lo uno, y tenã-a que
ser pequeã±o. Mi padre me explicã³ que esa noche

iba a meter todo y nada en un atado
ligero; porque asã-, cuando Aylan y yo cayã©semos
de sueã±o, Â©l y mi madre podã-an llevarnos al
cuello sin quedarse atrã;s. Habã-a lã;grimas en los ojos

de mi padre cuando contã³ que, a la maã±ana siguiente,
tendrã-amos que dejar nuestra tierra; pero enseguida
se recuperã³, diciendo que Kobani ya no era
bueno para nuestra tierra, que nuestra casa era la ruina de

nuestra casa, que todo Siria no pasaba de un tã-mpano
exhausto de tanto estruendo y dos ojos cansados,
pero tan cansados, de llamas y de sangre. Mi padre

creã-a que Aylan era demasiado pequeã±o para
comprender y, por eso, sã³lo le habã-a dicho que
irã-amos a dar un paseo de barco, que pasarã-amos
el dã-a en una playa y que, mientras yo y mi madre
nadã;ramos en el mar hasta quedarnos sin aliento, Â©l

podã-a simplemente echarse de bruces en la arena,
como tanto le gustaba. Mi padre nunca nos mintiã³.

Â

Mote:

Síria: Bebã© y tres niã±os de la misma familia muertos en un ataque aã©reo.

Por ser madres, no serãjn aquello que
parecã-a un rayo de sol interrumpiendo el
mundo; y llevan al cuello los niã±os muertos
al filo de los caminos, confundiendo
siempre la lana de los chales con el calor de
la sangre que ensopa sus manos. Siguen

sin poder creer â€”o entonces creen
que no serã-an capaces de amar tanto
una cosa parada en el tiempo, y por eso
van, imperturbables, oyendo latir dentro
del propio pecho los corazones rojos
pequeã±ã-simos. Mãjs adelante, se detendrãjn

para descubrir un seno redondo y lleno a
la minã°scula boca prometido â€”no vaya ella
a abrirse de pronto y, milagrosamente,
empezar a llorar. Versiones del portuguã©s de Renato Sandoval Bacigalupo

Â

Mote:

Cada vez hãj mais crianã§as a chegar ã Europa sozinhas.
Mã£e, oxalãj eu nunca tivesse largado a tua mã£o: / com o menino ao colo, fez-se a estrada maior do / que o meu
desespero, amarrotou-se de velho meu / coraã§ã£o tã£o claro. Eu tinha catorze anos antes // do estrondo, catorze anos e
meio antes do teu / grito, quinze anos cumpridos quando afastei o / vã©u dos teus cabelos; se me dizias sempre que nã£o
/ fosse para longe, porque pediam o contrãjrio os / teus olhos parados? Ainda por cima, mã£e, chegar // ao campo foi
como bater a uma porta cansada â€” / mil tendas que eram velas remendadas, barcos para / ficar de novo pelo caminho.
Trouxeram-nos mantas / cheias de perguntas; tentaram-me com doces / para me pã´r no lugar; mudaram ao meu irmã£o
/ a fralda com as mã£os frias. Mã£e, eu disse-lhes que // o menino era meu; e agora, quando ele procura os / teus seios
no meu corpo sem formas, cubro com / o teu vã©u os meus cabelos e canto-lhe baixinho / canã§ã¶es de aã§ã°car. Nã£o sei
que idade tenho, mã£e, / mas oxalãj eu nunca tivesse largado a tua mã£o.

Mote:

Famã-ria de menino sã-rio que morreu na costa turca fugia para o Canadãj; mã£e e irmã£o mais velho tambã©m nã£o
sobreviveram ao naufrãjgio.

O meu pai chamou-me e pediu-me que escolhesse / um brinquedo â€” sã³ um â€” de que gostasse muito; e / que separasse
outro brinquedo para o Aylan, que / ainda nã£o sabia escolher â€” mas sã³ um, e tinha de / ser pequeno. O meu pai
explicou-me que nessa // noite ia fazer de tudo quase nada numa trouxa / leve; porque assim, quando o Aylan e eu
caã-ssemos / de sono, ele e a minha mã£e podiam levar-nos ao / colo sem ficarem para trãjs. Havia lãjgrimas nos olhos //
do meu pai quando contou que, na manhã£ seguinte, / terã-amos de deixar a nossa terra; mas logo se / recompã´s,
dizendo que Kobanã© tambã©m jãj nã£o era / bem a nossa terra, que a nossa casa era a ruã-na da // nossa casa, que toda
a Sã-ria nã£o passava de um tã-mpo / exausto de tanto estrondo e dois olhos cansados, / mas tã£o cansados, de
chamas e de sangue. O meu pai // achava que o Aylan era demasiado pequeno para / compreender e, por isso, dissera-
lhe apenas que / irã-amos dar um passeio de barco, que passarã-amos / o dia numa praia e que, enquanto eu e a minha
mã£e / nadãjssemos no mar atã© ficarmos sem fã´lego, ele // podia simplesmente deitar-se de bruã§os na areia, / como
tanto gostava. O meu pai nunca nos mentiu.

Mote:

Sã-ria: Bebã© e trãs crianã§as da mesma famã-ria mortos em raide aã©reo.

Por serem mã£es, nem viram aquilo que / parecia um raio de sol interrompendo o / mundo; e levam os meninos mortos
ao / colo no fio dos caminhos, confundindo / sempre a lã£ dos xailes com o calor do / sangue que lhes ensopa as mã£os.
Seguem // sem poder acreditar â€” ou entã£o acreditam / que nã£o seriam capazes de amar tanto / uma coisa parada no
tempo, e por isso / vã£o, imperturbãjveis, ouvindo bater dentro / do prã³prio peito os coraã§ã¶es vermelhos /
pequenã-simos. Mais adiante, deter-se-ã£o // para descobrir um seio redondo e cheio ã / minã°scula boca prometido â€”
nã£o vãj ela / abrir-se de repente e, milagrosamente, / comeã§ar a chorar.

